

# ***DENTRO DO PEITO***

Livro 29

*Reflexões e Aforismos*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***ENTRE ENCONTROS E DESPEDIDAS***

Entre encontros e despedidas dos amantes, instala-se a rotina de cuidar um do outro cada vez que se alternam os afetos. Inesperadamente, podem se despedir dizendo até já ou para sempre. Misturam-se visões e lágrimas em evidente transformação da alegria. Ganham e perdem todas as forças, se habitua a um vai-e-vem entre êxtases e fracassos, doçura singular e abandono, fusão e decepção. Entremeados por sentimentos e ações, vão da declaração ao desespero. A perda nivela todas as diferenças, ensinando o valor de minorar a importância ou suspender as razões que complicam o convívio. A agonia se ensaia, diversificando a perturbação, tirando a vontade de estar.

Recolhido, o amor busca outros interlocutores. O amor precisa de abrigo para repousar.

## ***QUANDO O AMOR SE INAUGURA***

Quando o amor se inaugura, parece saber o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta as suspeitas, estimula os encantos. Suspeita-se que ali há um tesouro. Rende os que celebram a novidade sem ideia do risco. O amor deixa a ganância, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, prega uma segurança que depois não dá. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todos os acertos serão justos. Diante dessa suposta proteção, relaxam-se as precauções.

Os amantes seguem agarrados a isso. E mesmo quando não podem mais, sonham.

Eles se separam mais pelo que deixam de se fazer do que pelo que se fazem.



## ***OS ENCONTROS***

Não há ocasião tão soberba que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades.

## ***NO MEIO DO NADA***

A solidão é uma espécie de paz no meio do nada tentando tirar algum sentido do vazio.



## ***O GRITO E O SILÊNCIO***

Grita quem pode; cala quem pensa.



## ***UM PEDAÇO DA ALMA***

A que origem remonta essa intolerância aos que se deixam usar e aos que se oferecem, satisfeitos, a serem usados? Que euforia será essa que fraudava fundamentos, faz cair em logro os valores, deixando-se penetrar sem o cuidado que deveria?

Assisto com um pedaço da alma o que por inteiro não toleraria.

Aos que creditaram ter a porta da fortuna, a pena do uso amparou-se na indiferença. Toda a rede sente perder um pedaço de si que ao submergir na correnteza, vira cisma.



### ***OS AMANTES REINVENTAM***

Os amantes reinventam acolhidas cuja inclinação é a reciprocidade, a permuta e a confissão alternada para ouvir, degustar uma leve ostentação do silêncio oportuno para poder aceitar-se tão desejados. Como se fossem parte um do outro adotam novas formas de dar e receber. Aqueles que conhecem a acolhida, o designam como o mais digno dos carinhos. Tal consciência determina um verdadeiro despertar para a importância das cordialidades menores.

## ***AFETOS FAVORÁVEIS***

Habitados a animar e repartir os afetos mais favoráveis, as mentes dos que amam, distribuem sorrisos, iluminam as melancolias, sugerem um caminho aos amores errantes para que deixem de errar, albergam corpos penados e almas solitárias, eliminam os efeitos colaterais da desesperança, encolhem as dores, frequentam as carências mais privadas adoçando as bocas que os acolhem. Entram por um lugar onde a previsibilidade não alcança chegar. Convertem a vida disponibilizando aceitação e amparo. Os afetos mais favoráveis fazem a inclusão do amor, elevam os pensamentos, incluem e instauram uma sincera proposta que convida e encanta, hospedam a solidão.



## ***HÁ EXCESSO DE HUMANOS***

Há excesso de humanos chegando à vida com os sentires cansados, desabitados, com os apegos gastados, com



as mãos vazias, com os olhos sem luz, com anjoda-guarda distraídos, com a boca calada, com a fé desconfiada. Há multidões caminhando sem rumo, com o futuro estancado na próxima comida, com o desabrigo encravado na pele e a habituação da solidão desacompanhada. Sentam na calçada, testemunham a rua, a lua, as estrelas. Há humanos demitidos da vida, doentes, demenciados, demolidos, por um fio, atropelados pela miséria, torpes, desestimados, desalojados, descosturados, sem protagonismo, sem provisões, desapropriados, utopias partidas, repetentes, aprovados em ser não-gente, desapoderados da própria história. Há tantos desatinados, desaparecidos, desautorizados, sem passe, passagem, bônus para chegar a algum dia mais. Há humanos chorando, injustiçados, dissuadidos, ex indignados, expostos ao risco, deslocados da celebração, (des)irmanados pela omissão coletiva, com fomes descomedidas, com prantos crônicos, esquecidos, descuidados. Há humanos com tanta desgraça, quietude, subordinação, desengano, disfarçados de humanos, que a esperança envergonhada se negou a despertar, sair de casa, a comer. Por falta de braços e abraços, de munição, resolveu em protesto desocupar os corações.

## ***SOBRE UM SOMBRIO FUTURO***

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverão certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

## *A VOZ DAS PALAVRAS*

A voz das palavras que me separam das ilusões é como uma luz. Festejo como se houvesse ganho toda a escuridão.



## *CÁLIDO ABRIGO*

Retomo-me depois de longo tempo, sem enunciar. Desconcerto-me diante de certas presenças porque me acostumei a pensar só no que me renova. Iludido como criança feliz, vez por outra me reencontro, exaltando os ânimos quando meus conhecidos medos me permitem. Faço-me hóspede de mim mesmo, me acolho e me nino sem tomar conhecimento das disposições de amar, dos refúgios, da falta de presenças.

Cada dia me redescubro mais desprevenido, tentando confirmar alguma presença. Entre mim e o mundo quase que diariamente acontece uma transição entre ilusão e decepção. Retomo meus sonhos, um novo apaga descrenças, devolve-me uma fantasia calidamente passageira; ela guarda consigo o agasalho de que tanto necessito.

## ***ERROS***

Sair do nada exige tudo, menos um tempo curto. O exílio causa dano à perseverança.



## ***O TEMPO QUE DILATA***

Entre a vida e a morte há um tempo que dilata as relações entre mestres e aprendizes, passando todos a serem ambos. Alternando-se poderes e saberes, acaba-se essa pretensão de governantes fixos e eternos.

## ***BUSCO UMA LUZ***

Com frequência frequento os faróis em busca da luz que indica caminhos, ilumina virtudes e evita os choques do pecado que habita as ardentes sementes que buscam justificativa para sua expulsão.

Rodeado de vidas e mortes diárias, vejo tremores amargos, amores inesperados que assustam, tornando as fantásticas tentativas de sobrevivência e os repousos merecidos em convívios com delírios concomitantes e delitos impunes.

Tantos os medos, que a temporalidade inventa a finitude. O mínimo que se pode é evocar e tornar a curiosidade menos curiosa. E aquele que não se candidate a deus poderá aceitar que com alguns riscos a menos, mais viverá e que com menos pressa mais tempo lhe faltará para o final.

Abandonar a tenebrosa morada evoca acabar com isso de olhar-se ao espelho assistindo o envelhecimento lento e inexorável. Enquanto se siga cultivando a preservação das inocências se pode ter o orgulho de criar flores, ninar crianças, fazer correr por dentro rios de esperança e de pedir cuidados espalhados, superficiais e profundos.

## ***EFÊMERO E PERMANENTE***

O amor vive de consequências. Sendo efêmero e permanente, é quase como um jogo onde os poderes em conflito são distribuídos. O amor vive de espantos, a cada instante precisa de abrigo para descansar. Entre encontros e desencontros se instalam na rotina de cuidar. Toda vez que se alternam em cuidados, atônitos se despedem dizendo até logo ou adeus para sempre. O amor sai pelos olhos mistura visões e lágrimas em evidente transformação da alegria e da tristeza. Ganha para tornar a perder, enquanto todas as forças se acostumam a um vai e vem entre êxtases e fracassos, doçura singular e abandono violento, fusão e decepção, mistura de sentimentos e ações que vão desde a declaração de desespero. A perda nivela todas as diferenças.

Apropriando-se da liberdade, o amor cria devaneios, nos quais várias confluências implícitas e explícitas, ensinando o valor de diminuir a importância ou remover os motivos que dificultam a vida. A agonia se ensaia, diversificando o distúrbio, tira a vontade de viver e pensar. Recolhido, o amor procura um interlocutor que esteja propenso a procurar alguma vantagem, um pensamento comprometido com a reconciliação.

## ***PEDAÇOS***

Disfarçadamente, guarda-se um pedaço de quem partiu.



## ***LUGAR DA SINCERIDADE***

Um desinteresse lima as relações entre os humanos introduzindo a astúcia no lugar da sinceridade, alisando e homenageando os que vestem máscaras como insanos adornos.

## ***PROPONHO***

Criaremos algo mais ou deixaremos tudo como está? Vestiremos a roupa de domingo ou a nudez que combate o tédio? Faremos as mesmas aventuras, esperando o fim do mundo no próximo prazer? Deixo-me vencer pelo cansaço de tantos prazeres repetidos, vendo no teu rosto uma graça sempre nova me enchendo de vaidades as pernas, os braços, a boca, as ideias, os pensamentos. Deixo-me enganar sem concerto para não interromper o sonho do qual me alimento.



## ***A CARA DA FOME***

A fome chega com vergonha de voltar, ainda que não sempre decida a mandam sempre para o mesmo lugar, como se fosse ordenada, se lança na boca dos famintos regressando, vencendo a saciedade, entra pelos ouvidos, olhos, pelo cu, habita desnordeando a cabeça, chamando a atenção para si que cada vez



que se instala. A qualidade da sua presença é nula, não chega ao uniforme, à gravata, à batina, à farta irresponsabilidade que a coordena. Volta sempre pior, cada vez aumenta seu tamanho ocupando os espaços crescendo até ser dor, penduram a angústia na frente e o anonimato por detrás, seu passaporte lhe dá acesso a todas as fronteiras erotizando uma digestão não conseguida então a cara da fome tem uma expressão de convalescença crônica.



### ***A MEMÓRIA NÃO CHEGA A TANTO***

Poucos saem felizes destas histórias emperradas que ferem de penas os corpos e as almas nelas envolvidos. Poucos saem ilesos, com o espanto limitado, confuso, quando se faz o selvagem, a virtude principal reduzida fica despida de provas. Confusas, as questões ficam de difícil resposta porque o imprevisto ocupa o lugar da serenidade, a memória não chega a tanto.

## ***SÓ QUEM COMO EU***

O esforço e a paciência aumentam o desejo ao extremo de sua intensidade, tornando mais profunda a expectativa.



## ***O TAMANHO DOS VAZIOS***

Isso de perdas e distâncias revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. Sem avisos, a vida faz da tristeza uma dor bonita, uma porteira onde era para ser passagem. É sino que badala fora de hora indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.

## *SOLITÁRIOS FANTASMAS*

Surpreendentes rostos acumulam caras tristes, passam com traços de ex-belezas, como se chorassem sem lágrimas, ninguém saberá por que, por quem. A começar por mim, se me debruça um fantasma a cada passo, me acompanha, não sei de quem se trata, nem porque não se esquece de mim. Deixa vaziar certa solidão, não recorda quem foi, perdeu o rumo, desconhece a si próprio, buscará alguma orientação, estará tentando reconstruir alguma história, algum caminho? Tenta contar-me algum extermínio, teria morrido de fome ou bala perdida? Algum tumor, febre amarela, diarreia? Órfão ou abandonado pelos seus engordando estatísticas, por acaso ou de propósito, suicídio ou morte natural? Nu ou vestido. Volta para dizer que o pior já passou, ou para avisar que ainda está por vir?

## ***NECESSITA ENCANTO***

O amor necessita ter uma proteção que lhe assegure algum abrigo em meio a tantas ameaças.



## ***ENCOBRINDO VERDADES***

A história de cada humano nunca é tão grande que não possa ser evocada, conhecida, não há tantos mistérios. Há a conveniência da não investigação ou o negócio político conveniente, da história dirigida, omitida, desviada para detalhes encobridores. Assim, desaparecem pessoas, se renomeiam países, se reelegem quadrilhas no poder político, se reiteram os massacres, os embargos sem que ninguém rompa o silêncio.

Promotores do direito auto consentido de matar, oficializam o terrorismo de Estado, o lugar onde se realiza o combate é no cérebro, ali se induz ao consumismo, ao esvaziamento da autodeterminação, se induz ao uso das drogas lícitas e ilícitas, ao automatismo

da habituação, da padronização, dos esforços dirigidos, das camas exageradas, dos desencontros precipitados, da falta de crença nos vínculos, da falta de tempo e suficiência para pensar, desembarcam dirigindo-se aos cuidados reza em causa própria, evitando qualquer exame de consciência.



### ***O PIOR***

Os humanos vivem o pior dos abandonos, a exclusão, a falta de oportunidades, marcando e determinando uma violência endêmica.

Agonizando nas desconfianças e nas tentações, desorganizados fogem. Expandem-se a fraude e o embuste, desautorizados assistem priorizadas as inconveniências, premiadas as ofensas, diluídos os compromissos. Protegidos aqueles com disfarce e adornos, favorecidos, levam uma vantagem unilateral, perpetuam o desequilíbrio.

## ***RESPIRO E DESEJO***

Os desejos arremessados necessitam em algum momento obrigatoriamente respirar. Havendo decorrido um tempo entre a pergunta e a resposta vários ruídos ocupam a paz pretendida. Excelentes declarações não cumpridas acabam declarando sua inconsistência, remetidas como mentiras cínicas não acertam, mas ferem a alguns. Sempre emergem controladas indignações aproximando a carne despreparada e a alma condicionada. Apanhar incautos é fácil, difícil é evitar esta destruição. Abundam convites nas camas e nas mesas, se acrescentarmos o pouco que custa apanhar, não nos admirará em aceitar a extinção e em desacreditar no semelhante.



## ***QUASE NATURAL***

Traz mais medo a declaração pública de amor que uma briga de rua, mais espanto uma declaração sincera e manifesta que uma ofensa declarada.

## ***IMPRESSÕES***

Com a vanguarda ordenando-se durável, meus sentimentos se fazem uma formação contínua, deixam a impressão de que não existe a distância e que tudo o que encerra a vida guarda o passado fresco, reafirma no presente e retarda o futuro para não se perder depressa para o amanhã. Decretam greve nos relógios e seguram os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suavemente para o melhor de cada um. Esse olhar alegre, lançando alegrias em busca de algum olho próprio e adequado para repousar e aterrizar suavemente criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Essas suavidades me socializam e comunizam em mim uma rede de confianças e afirmações. São um golpe contra a traição porque afundam as confianças que por definitivas confirmam que é possível a fidelidade. Por serem morais, esses sentimentos autorizam usá-los como símbolos de um poder, de um amor e uma justiça. Contam que a ética e o desejo não estejam a venda.

## ***SOBRE OS BENS***

Os bens não são permanentes, às vezes se contradizem com a convivência entre os males e as maledicências, se dissolvem, são violados por aquele que não os hierarquizam, se dissolvem nos encontros ocasionais e se dispersam entregues nos encontros fugazes, menores. Em suas inocências, os que pouco se preservam, entregam o melhor e o mais precioso em proporções não calculadas de vulgarização, irracionais se opõem aos modelos por falta de consenso e privilégio. Os que não cultivam o privado, os que se oferecem sem critérios, vulgarizados em suas poucas originais preservações, entristecidos, empobrecidos, se preparam para a solidão promovida, produzida, escolhida.

Aquele que sonha não entrega seus sonhos a qualquer um.



## ***VONTADES***

Amando com excesso, os amantes não temem a ninguém, muito menos àqueles que apostam contra eles. Preparam-se para plantar rosas, colher excessos e, sutilmente, proceder como sempre o fizeram. Cuidam das ataduras como alicerces que, ao mesmo tempo em que prendem, libertam. Desde o amor, os amantes afastam a solidão, deixando os lamentos guardados para algum dia, caso tenham que remar sozinhos.



## ***FALTA DE AMOR***

Tirar o que cuida interrompe os sonhos que alimentam as energias que os amores necessitam. Ainda que resistam para vencer as vozes conturbadas e desagradadas por sua existência. Os ambíguos se acompanham entre doces e amargos pensamentos. Emudecem os cantos, os júbilos e os risos sem motivos aparentes. Desencontrados eles se alternam com falta de amores e promessas de revisão.

## *ANUNCIOS E OCASIÕES*

Não há ocasião tão soberana que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades. Presume-se que os amantes trocam segredos de estado, tal o sigilo que as almas repartem. Todo o bem desejado como cascata se distribui, superando os versos do mais poeta dos poetas, de tão admiráveis; irreproduzíveis. A soma dos fragmentos reinaugura uma nova façanha, superando a melhor das performances conhecidas até então. Primeiro, alegres pela possibilidade de voltarem a unir-se, depois um contentamento indescritível vertido na alma, e que se espalhou por todas as células, anunciando a alegria da vida animada por desejos loucos, possíveis de satisfazer. Estar contente é um mérito aceitado, construído pelas partes e sustentado por fantasiadas que dão qualidade aos destinos.

## ***GUARDA***

Guarda uma alma simples, a paciência que veste a humildade. Uma figura que aceita habituar-se às vivências mínimas. Encerrando alguns segredos em lugar seguro torna-se invisível, recebe visitas.



## ***PRESSAS E PACIÊNCIAS***

Nossas almas não respondem às pressas do corpo. As pacientes sementes do amor esperam que se acalme a tempestade da paixão. Convertem a urgência numa autorização para agasalhar, comunicar segredos, inventar novas liberdades.

## ***O ACOLHIMENTO***

Tão generoso como animador, o acolhimento incentiva e anima o amor. Eminentemente prático e útil, tem contribuído para a amizade cordial, por prazer copioso, com prolongados encontros, ajudando em sua regência adequada. O acolhimento se ocupa da vazia solidão, da fome de abraços, das queixas incubadas ou declaradas, dos merecimentos e das dúvidas. Destaca pedidos, inovando em cada hospitalidade. Sua variedade e precisão constrói a satisfação, contorna dificuldades, acalma a ansiosa espera. Presta inestimáveis serviços amorosos, dá lições preciosas, simples, dignas de ambicionar-se sentir na própria carne a cativante amabilidade.

## *ATÉ AS RAIZES*

Farto, calado, ocupado até as raízes, sem precedente, abandono o lugar onde me encontrava só. Entrei sem saber que sairia recíproco, quebrando exílios mal determinados na madrugada da vida. Tanto insisti na obrigação de reunir-me, que ensaiei outras complicações para a quietude que me cala a vontade de desatinar.



## *O ENCANTO*

Fica estabelecido que o encanto veio para ficar. Tornou-se estampado, assíduo, íntimo, tratando da sinceridade, incentivando ações prolongadas, com disposição a harmonizar. Envolvente, experimenta todos os sentidos, incluindo neles a alegria intensa, o descobrimento, a revelação que põe em ordem as contradições e traz o gosto da vida. O encanto favorece a causa do amor, põe em prática toda a confiança que se destina a acreditar que é possível. Torna o entusiasmo atrevido, é a causa imediata da paixão e do envolvimento. Dá feição aos acontecimentos felizes.

## *MANTÉM-SE*

Perdurar, por os olhos pendentes onde a esperança perdura, estar na montanha onde se eleva às alturas a pugna, a súplica, a opinião, o susto, a permissão, a batalha noturna contra a insônia que nunca me alcançou. Gosto muito de acordar com tuas últimas palavras. Sei que confirmar o melhor diminui o tormento e a tristeza, porém há que estar disposto a recusar, escapar da vida comum, estar próximo ao desejo com a boca pronta e o abraço perdurando até encostar à tua imensa ameaça de me amar em desordem, em desacordo à obrigação. Perdura a vontade, se desordena o pior, a memória, o susto, se se desconsidera o adquirido, os pecados, o assunto principal, a prioridade, o justo, o importante, o que se deveria fazer.

## ***NÃO HÁ SENTIDO***

Percebi as coisas pelo sentido da surpresa, ela apareceu por aqui como algo não mencionado, como um complemento adicional, para evitar sair do ponto de encontro, uma simples espera. Não foi para cobrir, subverter, substituir, simplesmente apareceu, aproveitou a ocasião, exaltou o tempo disposto a novos movimentos, nada tinha uma coisa com a outra, nem interesses recíprocos, mínimos esforços conjugados, suspensos em razões impalpáveis.



## ***ESSE QUE EU SOU***

Sai aos borbotões como sangue fresco esse sentir que ficou preso dentro de mim, impondo sua força cruel e apressada, virgem, criança, consumindo toda a comoção guardada. Choro todas as ausências, todo o passado, todos os que foram levados, os golpes mortais, as traições, as desapareições, as mutilações, os ímpetos

furiosos, calados, empurrados, evitados. Um raio caiu no meio dos meus abraços, a vida deserta pede tempestades, novos amores repetem as decepções, amo da mesma maneira, faltam-me inovações, cumpro até o fim o mandato aprendido, cultivo o que temo, faltam retornos, pago o preço que me cabe, busco e arranco amores que não me foram oferecidos. Com o tempo, os suportes se corroeram, me rendo à dor, resisto, faltam oportunidades. Fujo desta consciência, fujo de mim, ausento meus olhos, decoro socialmente a tristeza para que pareça cansaço, me esforço para não suplicar ser o primeiro, invocar esse direito, conter esse descomedido ciúme que me tira a paz e que, por sua fúria, não consigo domar. Falta-me resignação.



## *AS CARAS TRISTES DO AMOR*

Não posso terminar sem a sinceridade, sei do começo das consequências. Antes de dizer adeus, finjo uma naturalidade, forço conversas dispersivas, perco o sentido das exigências da vida. Lanço no mundo esse afeto que não tenho onde depositar, o fim sem recomeço sustenta o vazio que mais do que um ato é uma absoluta falta de presenças. Sem aceitar réplicas, as caras tristes do amor se encontram na despedida, na pena enamorada, na solidão indesejada que nunca de antemão nos leva por caminhos conhecidos. No fundo, me afasto da predileção tendo afastadas as minhas fontes, não me ocorre senão remeter todas as lembranças compartilhadas, os abraços vazios e uma imensa e nada surpreendente saudade.

## ***PILARES***

Sofro um pesadelo de espera, exilei-me para que aparecesse esse forte sabor da vida que toma conta de mim. Levo as poucas palavras que, ditas, causaram o sentimento da agonia. A paz não é possível enquanto sou aquele que solitário ama. Sendo o amor não linear, confuso, concentrador de energias e atenções, exige presença forte em toda a minha vida íntima. Olhando o impossível. Desejo coisas que ninguém me pode dar. As raízes dos meus sentimentos necessitam de águas silenciosas, cristalinas, uma fonte duradoura, um depósito de recordações, dos sonhos, o pilar da vida que aí está para ser vivida. Tenho minhas entranhas ocupadas pela intrusa alma que converte em ser a carne que não vê longe. Sofro o espanto sentido por todos os afetos definitivos.

## ***EU SOBREVIVENTE***

Clandestino, sobrevivente, espero um sinal de amor ainda que seja o último pássaro que me leve a passear por aí, onde tenha se refugiada a vida, inspirações, gente alegre e que ria, que olhe de frente, que faça livre poesia, dando sua cara à frente e a mente à ambição. Não quero ir-me bem acompanhado com a morte posta. Quero declarar-me de todas as maneiras, olhar como inversão, contar história a minha maneira, declamar a pedido até cansar-me de tanto falar, até chegar ao murmúrio.

Roberto Curi Hallal

